

# **A Função Estruturante do Sofrimento: Uma Análise Psicanalítica da Negação na Cultura Contemporânea**

Cleto, Natalia da Silva Goi  
Santos, Ana Bela dos

**Resumo:** Este artigo analisa, sob a ótica da teoria psicanalítica, a função que o sofrimento exerce na constituição do sujeito. Em uma cultura contemporânea marcada pelo imperativo da felicidade e pela alta performance, o sofrer é frequentemente negado, gerando profundos efeitos psíquicos. Investigamos os mecanismos de negação e seus desdobramentos, bem como o processo de elaboração dos conflitos após a dissolução de conteúdos reprimidos. Através de uma revisão bibliográfica qualitativa, com foco nas obras de Sigmund Freud e comentadores, argumentamos que a experiência do sofrimento, quando confrontada e elaborada, possui uma função estruturante fundamental para o desenvolvimento do psiquismo.

**Palavras-chave:** Sofrimento, Negação, Psicanálise, Estruturação Psíquica, Cultura Contemporânea.

**Abstract:** This article analyzes, from the perspective of psychoanalytic theory, the function that psychic pain performs in the constitution of the subjectivity. In a contemporary culture marked by the imperative of happiness and enhanced, the pain is often denied, generating profound psychic effects. We investigate the mechanisms of denial and their consequences, as well as the process of working through conflicts after the dissolution of repressed content. Through a qualitative literature review, focusing on the works of Sigmund Freud and his commentators, we argue that the experience of suffering, when confronted and worked through, has a fundamental structuring function for the development of the psyche.

**Keywords:** Pain, Denial, Psychoanalysis, Psychic Structuring, Contemporary Culture.

## **1. Introdução**

A sociedade contemporânea ocidental, apoiada na premissa da incompletude do sujeito, cultiva um ideal de felicidade e performance que paradoxalmente alimenta sintomas sociais como a ansiedade e a depressão, que, muitas vezes, são tratados de maneira individualizada e responsabilizando aquele que adocece.

O sofrimento humano, nesse contexto, não é compreendido enquanto parte essencial para constituição e desenvolvimento psíquico do sujeito, mas sim, como algo a ser evitado, erradicado, por ir de encontro com os princípios de produtividade da cultura neoliberalista.

Freud, em “O Mal-Estar na Civilização” (1930), já apontava as relações sociais e a imposição das normas pela sociedade enquanto as principais fontes de sofrimento humano. Frente a isso, o sujeito é impelido a buscar refúgio através de mecanismos defensivos para lidar com a angústia gerada no convívio com o outro.

A escolha deste tema diz respeito a um dos mecanismos de defesa utilizados

pela psique para garantia da integridade do Eu, ampliando o conceito da negação para uma forma de posicionamento frente às demandas do mundo contemporâneo, um sistema que se apoia na incompletude do sujeito e em sua situação de desamparo.

Busca-se a partir deste estudo, compreender de que maneira a experiência do sofrimento influencia para estruturação e desenvolvimento da psique, paralelamente, explorando os efeitos atuantes no mecanismo da negação, bem como os possíveis desdobramentos posteriores à elaboração de conteúdos reprimidos e negados. Para fins teóricos, ressalta-se que o desenvolvimento deste trabalho aborda somente os efeitos psíquicos observados na estrutura neurótica, de acordo com a teoria psicanalítica clássica.

A proposta, portanto, é fazer um convite para repensar as relações humanas na contemporaneidade, resgatando a importância da experiência do sofrimento enquanto fator estruturante, não apenas patológico.

## **2. Metodologia**

O presente trabalho foi realizado por meio de revisão bibliográfica, de natureza qualitativa, onde o foco foi principalmente uma revisão da literatura psicanalítica clássica, utilizando as obras de Sigmund Freud e comentadores. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica não deve representar a repetição de algo que já foi dito, mas sim, a possibilidade de abordar um tema a partir de uma ampla pesquisa já realizada, cuja cobertura de fenômenos não seria tão abrangente quanto se realizada diretamente enquanto uma pesquisa de campo. A partir da pesquisa bibliográfica, é possível fazer uma leitura e articulação de diferentes perspectivas acerca de um mesmo tema.

Além dos textos fundamentais sobre a metapsicologia freudiana, os mecanismos de defesa e a constituição do psiquismo, foram utilizadas obras dos autores Jean Laplanche, Jean-Bertrand Pontalis e Sándor Ferenczi, assim como realizou-se uma busca por artigos nos portais PePsic, Scielo e Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os termos “sofrimento”, “negação” e “psicanálise”, publicados nos últimos 20 anos.

## **3. Desenvolvimento**

### **3.1. O Imperativo da Felicidade e a Negação do Sofrer**

A cultura contemporânea impõe um "imperativo da felicidade", onde a manifestação do sofrimento é vista como um fracasso. Autores como Dunker (2015) e Birman (2012) discutem como o mal-estar na atualidade assume novas formas de subjetivação, pressionando o indivíduo a uma performance constante. Essa pressão nega o espaço para a elaboração do sofrer, tratando-o como um obstáculo a ser eliminado, e não como parte constituinte da experiência humana. A negação, nesse contexto, torna-se uma defesa socialmente incentivada contra o desamparo.

Para Freud (1930), o sofrimento humano é causado por três principais fontes: da natureza (mundo externo), da fragilidade do próprio corpo e, principalmente, da insuficiência das normas que regulam as relações humanas na vida privada e em sociedade (a relação com o outro), ficando o sujeito submetido ao sentimento de desamparo.

Uma vez convencido de que não atingirá jamais a satisfação irrestrita, o sujeito encontra na tentativa de evitar ou reduzir o sofrimento uma forma de alcançar felicidade, contentando-se com o simples ato de não sofrer como modo de obter prazer, um movimento que envolve o princípio de prazer e o princípio de realidade, conceitos apresentados mais adiante neste trabalho (Freud, 1930).

Como forma de contextualização dessa cultura que se está sendo apresentada, será discutida uma breve linha do tempo. A começar pela evolução do pensamento capitalista, que se constitui e se apresenta atualmente sob os moldes do neoliberalismo, cujo marco histórico foi uma conferência organizada por Louis Rougier em 1948, denominada Colóquio Walter Lippmann. Nesta conferência reuniram-se diversos pensadores influentes da época para discutir, em meio à crise, as transformações que deveriam ocorrer nas teorias econômicas (Coelho, Neves, 2023).

A cultura neoliberalista promove o pensamento empresarial, da iniciativa privada, e expande essa lógica mercadológica para todos os âmbitos da vida, nos relacionamentos afetivos, na vida familiar, no contexto educacional e de trabalho, na sua relação com a religião e, principalmente, consigo mesmo. Desse modo, o sujeito passa a viver de modo baseado na competitividade, em busca do lucro máximo, das melhores vantagens, do melhor desempenho e no menor tempo possível (Coelho, Neves, 2023).

No neoliberalismo a psique humana é vista como o potente motor gerador de produtividade em busca do sucesso, isto é, da satisfação e da felicidade irrestrita, não

coincidentalmente o mercado de *coaching* apresentar tamanho crescimento na atualidade. Concomitante a ele, também o mercado farmacêutico e estético, trabalhando juntos em prol de proporcionar às pessoas suas melhores versões, levando, muitas vezes, sujeitos saudáveis a submeterem-se a cirurgias em busca do corpo ideal, e a medicamentos que prometem melhorar o foco, a concentração e a memória (Coelho, Neves, 2023).

Freud (1930) inclusive fez menção à utilização dos meios químicos, de intoxicação (drogas) enquanto recurso para evitação do sofrimento. Ele ressalta que esse método não exclui as causas e nem o sofrimento em sua totalidade, mas é capaz de provocar sensação imediata de prazer e distanciamento da realidade.

Sob essa ótica, o sofrimento é associado à improdutividade. O indivíduo é visto como o único responsável por seu sucesso e, quando fracassa em seu projeto individual, não atendendo às demandas de alta performance, sente-se culpado, pois “se o poder de ser feliz está em suas mãos e você não o é, você é o grande culpado por isso” (Fortes, 2009, p.1136).

A individualidade pode ainda, para além de estar associada a um cenário somente competitivo, ser vista como uma forma de proteger-se do sofrimento advindo das relações humanas, sendo assim uma tendência ao isolamento (Freud, 1930).

Fortes (2009) sugere que a subjetividade atualmente é permeada pelo hedonismo, uma doutrina filosófica que orienta a vida para constante busca de prazer e para felicidade enquanto objetivo final, colocando o sofrimento como algo a ser evitado. A autora indica que o hedonismo seria um herdeiro direto do utilitarismo, uma corrente filosófica criada por volta do século XVIII e XIX que defenda a ideia de que a ação correta é aquela que resulta em maior prazer, bem-estar ou felicidade (Fortes, 2009).

Em face da busca pela felicidade, Fortes (2009) argumenta que o homem moderno, antes protegido pela segurança simbólica do divino, assim como pelo controle do Estado, agora encontra-se soberano de si mesmo, em uma situação de incerteza e desamparo, na qual a insuficiência de perspectiva pode ser um fator contribuinte para busca pela satisfação imediata. Com base nisso, é coerente que as campanhas publicitárias se aproveitem para promover produtos com a premissa da obtenção de felicidade ou bem-estar. Afinal, é exatamente isso, a satisfação tornou-se um produto exposto nas prateleiras. O consumo implica direcionar a pulsão para aquisição de objetos, em uma busca incessante pela satisfação que nunca se

completa, um vazio que é inerente à própria natureza humana (Fortes, 2009):

Mas aqui se ergue a voz da crítica pessimista, lembrando que a maioria dessas satisfações segue o modelo do “prazer barato”, que é louvado numa certa anedota. Ele consiste em pôr fora da coberta uma perna despida, numa noite fria de inverno, e em seguida guardá-la novamente (Freud, 1930, p. 31).

Diante desse cenário, Coelho e Neves (2023) assinalam que uma das consequências da cultura neoliberalista é a repressão, enquanto mecanismo de coesão social, dar lugar ao imperativo da satisfação irrestrita, em uma espécie de racionalização do desejo ao invés de seu controle. Fortes (2009) faz a mesma constatação, acrescentando que o sujeito contemporâneo, diferentemente do Homem moderno, abre mão da sua segurança em prol da sua satisfação.

A grande questão que se coloca diz respeito à importância da experiência da dor e do sofrimento, a qual Fortes (2009) defende que são elementos fundamentais para o processo de constituição do eu, abordando as pulsões de morte e de vida. Neste trabalho, no entanto, o foco central será discutir a negação do sofrimento fazendo um paralelo com o mecanismo de defesa da negação, em uma forma generalizada da maneira de se posicionar no mundo frente às demandas neoliberais, indicando que negar a dor somente adia o desenvolvimento psíquico, assim como torna ela própria fonte de dor (Fortes, 2009).

### **3.2. A Máquina Psíquica: Sofrimento e Defesa na Metapsicologia Freudiana**

Durante o desenvolvimento de sua teoria, Freud entende que deve haver um inconsciente que abrigue os atos psíquicos, pensamentos que não se manifestam conscientemente, isso porque alguns fenômenos psíquicos simplesmente não deixavam qualquer vestígio físico que indicasse um “lugar” de onde surgiam. Os resultados obtidos através da técnica da hipnose corroboraram com as suas suspeitas (Freud, 1914).

A partir dos seus estudos sobre o inconsciente, Freud definiu a psique humana enquanto um complexo mecanismo composto três sistemas: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, modelo que ficou conhecido como “primeira tópica”. Enquanto o inconsciente é atemporal, não referenciado pela realidade externa, regido pelo princípio de prazer e opera a partir de processos primários (*Primärvorgang*), onde

a energia psíquica flui livremente entre as representações por meio dos mecanismos de deslocamento e condensação (que não serão aprofundados nesse trabalho, porém são importantes para estudo do inconsciente em Psicanálise), e pode ser carregado de elementos fantásticos, o consciente, por outro lado, é temporal, regido pelo princípio de realidade e opera a partir de processos secundários (*Sekundärvorgang*), onde a energia psíquica está ligada a representações e não escoada de maneira livre (Freud, 1914).

Posteriormente, o autor desenvolveu mais dinâmico, que atendesse às suas contatações a partir de observações clínicas, este ficou conhecido como “segunda tópica” e permanece sendo o modelo utilizado. A segunda tópica é composta por três instâncias psíquicas: o Id (*Es*), o Eu (*Ich*) e o Supereu (*Über-Ich*). O Id envia impulsos pulsionais, demandas a serem atendidas pelo Eu, enquanto este as recebe e atua como barreira para estes impulsos, apenas atendendo de prontidão àqueles que sejam permitidos, isto é, que não entrem em conflito com as exigências do Supereu (Freud, 1923).

Freud relaciona os sistemas às instâncias psíquicas, o Id seria a instância mais primitiva, associada ao inconsciente, que abriga as pulsões e os instintos, o reservatório inicial da energia psíquica. O Supereu seria uma instância formada a partir da interiorização das exigências, atuando como um censor, fazendo valer as normas, a consciência moral, a auto-observação e promovendo a idealização do Eu. O Eu, por sua vez, seria uma instância adaptativa e mediadora, associada ao consciente e em contato com a realidade exterior, que se utiliza de uma série de mecanismos de defesa para proteger a integridade do sujeito diante qualquer iminência de angústia. Destes mecanismos, três deles serão abordados ao longo deste trabalho: a repressão, o recalque e a negação (Laplanche, Pontalis, 2011).

Em sua reformulação teórica, especialmente em "Inibição, Sintoma e Angústia", Freud (1926) passa a compreender a angústia não mais como um resultado da repressão, mas como o próprio gatilho para ela. A angústia funciona como um sinal de alerta emitido ao Eu para antecipar uma situação de perigo, seja ela a perda de um objeto amado, a ameaça de uma punição ou o temor de ser dominado pelas pulsões do Id. Portanto, como afirma o autor, "a postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador da repressão" (Freud, 1926, p.44).

Para compreensão da dinâmica psique humana, é necessário pontuar alguns conceitos e mecanismos, que serão fundamentais para pensar de que maneira o

sujeito se defende de alguns conteúdos e por que ele sofre. Inicialmente, deve-se esclarecer que ao falar sobre afetos, sentimentos, instintos e sensações, Freud (1914) faz algumas reflexões e chega à conclusão de que qualquer que seja a natureza do material em questão, a psique trata-o de acordo com os representantes ligados a eles. Assim, por exemplo, quando um conteúdo é reprimido com objetivo de defender o Eu, o alvo da repressão não é a pulsão em si, mas os representantes associados a ela.

A começar pela instância que trabalha no inconsciente, o Id: esta demanda a satisfação dos seus desejos, os quais podem ser divididos entre pulsão (*trieb*) e instinto (*instinkt*), enquanto o instinto refere-se a um aspecto fixo e hereditário, característico da espécie, que busca por um objeto pré-definido, que pouco varia de um sujeito para outro, a pulsão pode ser entendida enquanto uma pressão ou força impulsionadora e subjetiva, uma vez que seu objeto varia de acordo com cada sujeito e com seus próprios representantes psíquicos associados à satisfação (Laplanche, Pontalis, 2011).

As pulsões são as forças que Freud supõe existirem por trás das tensões que geram as necessidades do Id. Elas se manifestam como uma excitação corporal irreprimível, um estado de pressão interna que só pode ser suprimido após atingida uma meta, esta normalmente está associada a um objeto, no entanto, a satisfação obtida nesse processo nunca é completa. Isso ocorre porque a pulsão é, por natureza, parcial: ela se origina de forma polimorfa em diferentes zonas erógenas e não se esgota em um único objeto predeterminado, como ocorre com o instinto. A pulsão pode se ligar a representantes, objetos e fantasias – elementos subjetivos – que de alguma forma estão associados a satisfação na psique do sujeito (Laplanche, Pontalis, 2011). O ímpeto resultante do estado de tensão gerado pela pulsão seria atingir, da maneira mais rápida possível, a satisfação, ainda que não corresponda com o objeto real. Diante disso, com base no caráter parcial e nos valores da cultura contemporânea, é possível sugerir que a pulsão atualmente esteja fortemente direcionada para bens de consumo ou para o próprio Eu, por meio do auto investimento (carreira, corpo, etc.) (Freud, 1911).

Essa busca incessante e imediata por satisfação foi denominada por Freud como "princípio de prazer". Trata-se da lógica primitiva que rege o aparelho psíquico direcionando o organismo em busca do prazer enquanto evita o desprazer (Freud, 1911). No entanto, a satisfação completa é impedida tanto pela natureza insaciável do desejo quanto pelas limitações impostas pela realidade e pelas exigências do

Supereu. Nesse sentido, o princípio de prazer é regulado pelo "princípio de realidade" (Laplanche, Pontalis, 2011). Este último, a serviço do Eu, não se opõe à satisfação, mas a adia, buscando caminhos mais longos e seguros, condizentes com as normas sociais e os valores morais. A inserção social do sujeito, hoje marcada por demandas incessantes por produtividade, intensifica a ação do princípio de realidade, muitas vezes levando o indivíduo a se sentir impotente (Freud, 1911).

Quando o Eu se depara com desejos inaceitáveis para a realidade ou para a moral interna (Supereu), ele recorre aos mecanismos de defesa. A função da defesa é reduzir ou suprimir qualquer perigo à integridade do sujeito, atuando não sobre a pulsão em si, mas sobre seus representantes psíquicos (memórias, fantasias, etc.), majoritariamente no campo do inconsciente (Laplanche, Pontalis, 2011).

O recalque (*Verdrängung*) é um dos principais mecanismos de defesa, retirando do consciente e movendo para o inconsciente os conteúdos ligados a uma pulsão cuja satisfação geraria mais desprazer do que prazer. Esses conteúdos recalcados, contudo, não são destruídos e permanecem exercendo influência sobre o sujeito (Laplanche & Pontalis, 1988). O processo é dinâmico e exige manutenção, pois o conteúdo recalcado busca constantemente retornar à consciência, o que Freud descreveu em três tempos: o "recalque originário", a atração de novos elementos afins para este núcleo recalcado e, por fim, o "retorno do recalcado" através de manifestações como sintomas e sonhos (Laplanche, Pontalis, 2011).

Diferente do recalque, a repressão (*Unterdrückung*) possui um caráter consciente, retirando do campo da consciência atual ideias ou afetos desagradáveis, que permanecem no pré-consciente. Já a negação (*Verneinung*), outro mecanismo central, permite que o conteúdo recalcado chegue à consciência, mas apenas em sua forma negativa. Assim, quando um paciente afirma "eu não desejo isso", ele revela, de forma invertida, o próprio conteúdo do desejo (Freud, 1925; Laplanche, Pontalis, 2011).

Diante do exposto frente ao funcionamento psíquico e aos mecanismos de defesa, entende-se que o modelo de psique humana de Freud é um verdadeiro campo de batalha por onde transitam os conteúdos, sendo o inconsciente não um repositório estático, mas uma instância dinâmica em constante movimento. Mecanismos como a negação, nesse cenário, são importantes para manter a integridade do Eu, contudo, funcionam temporariamente e não tornam o sujeito imune ao sofrimento (Laplanche, Pontalis, 2011).

### 3.3. A Função Estruturante: Quando a Negação Falha

Em sua obra “A Negação” (*Die Verneinung*), Freud (1925) descreve o mecanismo da negação como uma forma de confrontar a realidade por meio de sua forma negativa. Nesse processo, conteúdos que foram recalçados e causam desprazer ao Eu conseguem acesso à consciência ao serem expressos de maneira negativa. Para o autor, o juízo negativo constitui uma forma intelectual da repressão, pois, embora o sujeito tome conhecimento do conteúdo reprimido, ele não o aceita, de modo que sua carga afetiva permanece no inconsciente. Como Freud sintetiza: “Negar algo num juízo é dizer, no fundo: ‘Isso é algo que eu gostaria de reprimir’” (Freud, 1925, p.251).

Freud (1925) parte de sua experiência clínica para ilustrar como os pacientes, de forma espontânea, trazem ideias e percepções, negando-as no momento mesmo de sua exposição. Essa espontaneidade, revelada pela associação livre, indica o caminho para o conteúdo reprimido, demonstrando que se trata de um saber internalizado que o sujeito não deseja admitir. Tal formulação negativa deve ser interpretada como uma afirmação, uma vez que o inconsciente não opera com a lógica da negação ou com categorias morais.

Dialogando com a obra freudiana, Sándor Ferenczi, em seu texto “O problema da afirmação do desprazer: progressos no conhecimento do sentido de realidade”, aprofunda a discussão sobre a negação, destacando a capacidade de adaptação psíquica frente ao desprazer e o papel desse processo na construção do sentido de realidade (Ferenczi, 2011c).

Ferenczi (2011c) ressalta que o organismo nunca atua contra o princípio do prazer; o próprio princípio de realidade trabalha em busca de uma satisfação mais segura, ainda que tardia. Portanto, quando o sujeito consegue afirmar um desprazer, é porque o não reconhecimento deste causaria um desprazer ainda maior. Isso sugere que, em determinado momento, a manutenção da negação se torna tão custosa energeticamente que admitir o conteúdo negado se torna a opção menos penosa.

Ainda sobre a negação, Ferenczi busca compreendê-la a partir dos processos primários, apontando para a provável onipotência incondicional vivenciada pelo bebê antes de ser exposto à frustração. Baseando-se em “A Interpretação dos Sonhos” (Freud, 1900), ele descreve a transição do processo primário — no qual o bebê busca

satisfação de forma alucinatória — para o processo secundário, que se introduz quando o fracasso em obter satisfação o força a lidar com o desprazer imposto pela realidade. Em outras palavras, o funcionamento psíquico se aprimora no esforço do sujeito para lidar com as exigências do mundo externo (Ferenczi, 2011b).

A negação, nesse sentido, surge enquanto uma tentativa última do princípio de prazer em evitar o desprazer previsto durante o reconhecimento da realidade, porém, ao custo de adiar o curso natural do desenvolvimento. Essa defesa somente será superada quando também forem vencidas as resistências existentes contra os objetos que representam fontes de desprazer: desconhecidos e hostis. A negação não é um mecanismo simples e sua superação implica um ato psíquico duplo: negar tanto o desprazer em si quanto a própria negação dele (Ferenczi, 2011c).

Falar sobre “vencer resistências” implica diretamente no conceito de “elaborar”, o qual é diretamente tratado por Freud em “Recordar, repetir e elaborar” (1914), onde ele descreve que inicialmente, através da hipnose, buscava-se fazer com que o paciente recordasse do momento primordial de formação do sintoma, posteriormente, ele entende, através da associação livre, que o paciente repete padrões de pensamentos e comportamentos associados ao conteúdo reprimido. Essa repetição tende a ser mais intensa conforme também haja mais resistências, assim como a superação destas representa enfim a elaboração: “[...] é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz” (Freud, 1914, p.149).

A repetição pode ser entendida também como uma das manifestações do “retorno do recalado” (*Wiederkehr*, ou *Rückkehr, des Verdrängten*): a carga afetiva do conteúdo reprimido ainda não elaborado que permanece na psique em constante movimento, e por vezes “escapa” de outras maneiras, muitas vezes nos sintomas neuróticos: a partir de sintomas físicos, de atos falhos, sonhos e através dos chistes. Conforme a definição proposta por Laplanche e Pontalis (2011, p.463): “Processo pelo qual os elementos recalados, nunca aniquilados pelo recalque, tendem a reaparecer e conseguem fazê-lo de maneira deformada sob a forma de compromisso”. Quando o autor fala sobre compromisso, ele diz respeito à maneira como o conteúdo reprimido emerge em uma espécie de “acordo”, satisfazendo parcialmente os impulsos do Id e às imposições do Superego. Esse retorno ocorre devido, entre outros fatores, ao enfraquecimento das forças que mantêm o conteúdo recalado, denominadas

também como forças de “contra-investimento”, à intensificação da pressão pulsional ou devido ao contato com acontecimentos que evoquem representantes ligados ao material recalcado (Laplanche e Pontalis, 2011).

Os sintomas neuróticos perdem força a medida em que o conteúdo recalcado é integrado ao Eu por meio da elaboração (*Durcharbeitung*), que diz respeito ao trabalho psíquico fundamental de reconhecer os padrões da compulsão à repetição, reintegrando os representantes (ideias) aos afetos dolorosos reprimidos (pulsões). Esse processo permite que o Eu se fortaleça e tolere o que antes foi recalcado, possibilitando a passagem da atuação inconsciente para a compreensão consciente. Laplanche e Pontalis (2011, p.143) acrescenta que a elaboração tem como objetivo: “[...] dominar as excitações que chegam até ele [aparelho psíquico] e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas as conexões associativas” permitindo a liquidação progressiva do trauma.

Com base nisso, a clínica psicanalítica demonstrou que a superação das resistências, por consequência a elaboração, ocorre através do esforço realizado pelo paciente em conjunto com o analista, onde o segundo atua por meio de recursos como a interpretação ou a técnica ativa utilizada por Ferenczi (Ferenczi, 2011b). Essencialmente em todos os casos, o que se repete é o encontro inevitável do sujeito com o aquilo que o incomoda.

O contato com a experiência e o reconhecimento do poder inexorável das forças externas constituem etapa essencial para o desenvolvimento do Eu. Esse processo, longe de ser agradável, é seguido por uma série de recalcamientos frente à frustração que é adaptar-se às demandas desde o nascimento por toda a vida: “O mesmo jogo cruel repete-se a cada novo estágio do desenvolvimento” (Ferenczi, 2011a, p.59-60). A negação, por sua vez, é compreendida pelos autores, Freud e Ferenczi, como um fenômeno natural e importante para segurança e integridade do sujeito, contudo, sua superação, isto é, a elaboração dos conteúdos reprimidos, é necessária para continuação do desenvolvimento psíquico.

#### **4. Considerações Finais**

A cultura contemporânea, ao promover a negação do sofrimento, priva o indivíduo de uma experiência fundamental para sua estruturação psíquica. A tentativa

de evitar o desprazer a todo custo leva ao adoecimento, o qual é denunciado na manifestação dos sintomas que, longe de serem apenas fenômenos individuais, é acima de tudo, a expressão de uma época, um sintoma social.

A cultura da produtividade a qualquer custo não contribui com a ideia da livre expressão do sujeito acerca das suas próprias faltas e inseguranças, pelo contrário, impõe a ele a necessidade de uma superação rápida, a aniquilação daquilo que se sente – uma negação do sofrer. Contribuindo assim, para um cenário que não acolhe, e não promove a superação das resistências.

A psicanálise, diante disso, pode ser encarada enquanto esse espaço seguro que possibilita a significação do sofrimento. O trabalho de elaboração dos conflitos e a superação da negação permitem que o sujeito não apenas alivie sua dor, mas também se aproprie de sua própria história, fortalecendo seu Eu e ampliando sua capacidade de lidar com as inevitáveis frustrações da vida. O sofrimento, portanto, quando não é negado, mas atravessado e compreendido, revela sua potente função estruturante.

## REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMPOS, E. B. V.; MENEZES, L. S.; BOCCHI, J. C. A Psicanálise e o desamparo frente à crise de valores e ideais na atualidade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 11, n. 3, p. 04-27, 2020. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/41067>>. Acesso em: 4 abr. 2025.

COELHO, L.; NEVES, T. Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental. **Revista Saúde e Sociedade**, v.32, n.3, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023220850pt>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/fyMHcpTnkbqQ3qgDhCbLTWz/?format=html&lang=pt>>. Acesso em: 6 out. 2025.

DUNKER, C. I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

FERENCZI, S. Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. *In*: FERENCZI, S. **Obras Completas, v. III: Teoria e técnica da psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a.

FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. *In*: FERENCZI, S. **Obras Completas, v. II: Teoria e técnica da psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011b.

FERENCZI, S. O problema da afirmação do desprazer: progressos no conhecimento do sentido de realidade. *In*: FERENCZI, S. **Obras Completas, v. III: Teoria e técnica da psicanálise**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011c.

FORTES, I. A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 4, p. 1123-1144, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15186148200900040004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15186148200900040004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 abr. 2025.

FREUD, S. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. 20ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.

FREUD, S. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. *In*: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1914). Recordar, Repetir e Elaborar. *In*: **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1923). O Eu e o Id. *In*: **O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1925). A negação. *In*: **O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. *In*: **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, S. (1930). O mal-estar na civilização. *In*: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. **Vocabulário da Psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LEITE, R. F. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 43, p. 139-144, 2015. Disponível em: <<https://www.cbp-rj.org.br/n43a14.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2003.

NASIO, J.-D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.